Nada está escrito

Nascido em Águeda a 12 de maio de 1936, Manuel Alegre de Melo Duarte traçou um percurso multifacetado que cruzou o Direito em Coimbra com o desporto e o teatro universitário.

A sua biografia é marcada pela resistência política: mobilizado para Angola em 1961, foi preso pela PIDE em Luanda, onde escreveu poemas fundamentais da sua obra de estreia, *Praça da Canção*.

Em Outubro de I964 é eleito membro do comité nacional da Frente Patriótica de Libertação Nacional e passa a trabalhar em Argel, na emissora Voz da Liberdade, até regressar a Portugal após a Revolução de 25 de Abril de 1974.

No plano político, consolidou-se como uma figura central do Partido Socialista, desempenhando funções como vice-presidente da Assembleia da República e membro do Conselho de Estado.

Paralelamente, construiu uma carreira literária de reconhecimento que abrange o romance e o ensaio, mas que brilha sobretudo na poesia, valendo-lhe distinções máximas como o Prémio Pessoa (1999) e o Prémio Dom Dinis.

Manuel Alegre é um dos mais importantes poetas portugueses, conhecido não só pela sua escrita, mas também pela sua ligação à história e à política em Portugal.

Na fase em que escreveu este livro, já apresenta uma visão mais madura da vida, marcada pela reflexão e pela experiência.

—----------

O livro *Nada Está Escrito*, de Manuel Alegre, publicado em 2012 em lisboa, é uma obra de poesia contemporânea que fala sobre temas como o tempo, a memória e a liberdade. O livro mostra a realidade do mundo, a passagem do tempo e as dificuldades da vida. O poeta convida-nos a observar isso, revelando também um modo de vida marcado pelo sofrimento.

Temas Centrais

Tempo e memória-O autor reflete sobre o passado e a forma como as memórias influenciam o presente. Existe uma constante tentativa de compreender o tempo e o seu impacto na vida humana.

Velhice e morte-Sendo uma obra tardia, há uma consciência clara da passagem do tempo e da proximidade da morte, mas tratada com serenidade e reflexão.

Liberdade- O tautor transmite a ideia de que o destino não está definido e que cada pessoa constrói o seu próprio caminho.

Identidade e Portugal-O país surge como presença constante, tanto na história como na cultura surge tambem como um sentimento de pertença e, por vezes, de desilusão

Amor-O amor aparece de forma mais madura, menos idealizada e mais ligada à experiência de vida.

A Própria Poesia: Muitos poemas refletem sobre o ato de escrever. A poesia surge como uma ferramenta para "fixar o fugidio".

Interpretação do título

O título *Nada Está Escrito* transmite a ideia de que:

- o futuro não está determinado
- cada pessoa constrói a sua vida
- existe liberdade de escolha

Ele sugere que o futuro não está determinado e que as nossas escolhas têm um papel fundamental na construção da nossa vida.

O título é uma afirmação de liberdade. Manuel Alegre rejeita o fatalismo; para ele, nem o destino nem a história estão traçados de forma irremediável.

Estilo e Linguagem

A linguagem utilizada por Manuel Alegre é simples e acessível, mas ao mesmo tempo profunda.

Os poemas têm um tom mais íntimo e reflexivo, o que aproxima o leitor das ideias do autor.

- Uso frequente de:repetição , ritmo oral , linguagem simbólica
- Depuração: Uma linguagem mais límpida, económica e direta.
- Intertextualidade: Referências frequentes a outros poetas (Camões, Pessoa, Rimbaud), mostrando que a sua escrita faz parte de uma longa linhagem literária.
- Ritmo Musical: Mantém a musicalidade característica que torna os seus poemas tão fáceis de ler em voz alta.

Não é uma poesia difícil de ler, mas exige reflexão.

—----------

Na minha opinião, este livro não conta uma história, mas sim um conjunto de pensamentos que nos fazem refletir sobre a nossa própria vida.

Faz-nos pensar nas nossas escolhas e na forma como construímos o nosso futuro.

Mostra-nos que nada está previamente definido… e que somos nós os responsáveis pelo caminho que seguimos.

—----------

Conclusão

Em conclusão, *Nada Está Escrito* é uma obra que convida à reflexão sobre a vida, o tempo e a liberdade.

Manuel Alegre apresenta uma visão madura e profunda da existência humana, mostrando que o destino não é fixo e que cada indivíduo tem a capacidade de construir o seu próprio caminho.

A vida não está definida — somos nós que a escrevemos.

Em suma, Nada Está Escrito de Manuel Alegre é uma obra poética que revela não apenas a profundidade da sua poesia, mas também a intertextualidade, a sua habilidade de capturar os

sentimentos e ocasiões da sua época. Alegre, ao longo da sua obra, demonstra uma sensibilidade

para os desafios políticos e sociais de Portugal e do mundo. Através de uma análise cuidadosa dos seus poemas, é possível compreender a visão do mundo e o compromisso do autor com a expressão artística e a justiça social. Manuel Alegre emerge como uma figura importante da literatura portuguesa contemporânea, cuja obra continua a ecoar nos leitores, oferecendo reflexões profundas sobre a condição humana e o papel da poesia na sociedade.

—----------

Nestes poemas, Alegre não retrata apenas situações do nosso país, mas também situações que se passavam no resto do mundo, como por exemplo nos poemas “Balada Para Jesse Owens” e “Auschwitz” onde esta retrata o que se passava na Alemanha e nos seus campos de concentração durante a segunda guerra mundial.

Outros poemas como “A Morte de Trotsky” que nos fala sobre o assassinato de um russo a 21 de agosto de 1940, mostra-nos que Manuel era uma pessoa com um olhar muito atento sobre o que se passava não só em Portugal, mas em tudo o mundo.

No meio de vários poemas tristes e com alguma revolta, Alegre também conseguiu transmitir algumas conquistas portuguesas como a referência a Carlos Lopes um campeão do atletismo nos jogos olímpicos de verão de 1984, «Era só Carlos Lopes que nós víamos / e com ele ganhámos a corrida» Alegre, 2012, pp 51.

No poema “Momento”, Alegre pergunta-se quando chegará, como será e quem anunciará. Certamente, Alegre, desejou como muitos outros escritores e ativistas da época, o fim da ditadura em Portugal. A sua poesia muitas vezes refletia os sentimentos e aspirações de uma nação que procurava a liberdade e democracia.

Por último, queria fazer referência ao poema “Mea Culpa” é um poema de caráter autobiográfico de Manuela alegre que reflete sobre a sua vida e as suas escolhas, reconhecendo as dificuldades enfrentadas durante o período de ditadura: «Desculpem lá se tenho biografia / e se vivi a vida intensamente / dedicado à política e à poesia / o que não é por certo conveniente» Alegre, 2012, pp85

A primeira parte do livro é marcada por uma profunda reflexão sobre a condição humana, o papel do poeta num mundo materialista e a busca incessante por algo transcendente (seja Deus, a palavra ou a justiça social) num cenário de silêncio e desolação.

O Desamparo e a Palavra
A abertura do livro estabelece um diálogo com a tradição literária para falar de um mundo onde os valores humanistas parecem ter sido substituídos pelo "mercado" e pela "mais-valia". Alegre posiciona o poeta como alguém que escreve para os "aflitos" e "desamparados". Há uma tensão constante entre o silêncio de Deus e a necessidade da palavra como única ferramenta de resistência e busca de sentido.

Balada dos Aflitos
O poema é uma invocação aos "irmãos humanos", ecoando a Balada dos Enforcados de François Villon. Alegre lamenta que a luz que guiava a humanidade se apagou. Ele critica um mundo transformado em mercado, onde as pessoas perderam a capacidade de sonhar. O poema termina com uma prece à "Senhora da Agonia", pedindo que os versos tragam um novo dia para aqueles que são considerados "sem valor acrescentado".

Estradas Ermas Junto ao Mar
Aqui, o poeta descreve um processo de perda e partida. Elementos da vida, da cultura (teorias, teoremas, gramáticas) e da natureza (estrelas, guitarras) são

levados pelo vento. O que sobra é a nudez do caminho e o povo que passa a cantar, sugerindo que a essência resiste mesmo quando o mundo intelectual ou material se desmorona.

Um Rasto no Caminho

Este poema define a natureza da própria poesia. Os versos são descritos como algo físico e por vezes doloroso ("rompem como cactos", "me picam por dentro"). A poesia surge como uma bússola para o poeta quando ele se sente perdido, servindo como um rasto de luz, um "sorriso" ou uma "torre" no meio da desolação.

A Mão que Escreve

Uma reflexão metafísica e visceral sobre o ato da criação. O poeta fala do "uivo de Deus" e do silêncio cósmico. A escrita é apresentada como algo quase biológico e violento ("magma com que Deus se baba", "mão que escreve e arde"). É o confronto entre a finitude humana e a tentativa de tocar o indizível.

Esse Lugar

Explora a origem da linguagem e do desejo. O "lugar" onde a poesia nasce é uma zona "húmida", física e instintiva, onde o corpo e a palavra se fundem (suor, sangue, sêmen). É um ponto de criação onde a vida humana se torna verbo.

Aquele que se Perdeu

O poema fala sobre a perda do norte e do sentido. Estar perdido não é apenas um erro, mas uma condição de quem procura a palavra ou o destino. A "revelação" surge no breve instante de um lampejo, e a página branca é o território onde esse desorientado tenta se reencontrar.

Poema Quase Metafísico

Alegre brinca com a definição científica do homem como uma "organização de água e de carbono". Ele contesta essa frieza, afirmando que a ciência não explica a música, a palavra ou o "eco de uma ausência" que habita cada poema.

Os Santos de Ribera

Inspirado na pintura de José de Ribera, o poema humaniza os santos, descrevendo-os com "unhas sujas" e "rostos curtidos". Alegre identifica a santidade com o povo sofrido, os camponeses e os apóstolos que têm a cor da terra. É uma fé baseada na humanidade e não na hierarquia divina.

Letra Desconhecida

O poema antecipa uma revelação que virá "como a viragem da maré". É a espera por uma palavra, uma letra ou um evento que mude a ordem das coisas. Há uma tensão entre a "presença ausência" de Deus e a possibilidade de um novo poema que faça a terra tremer.

Saga

Uma reflexão sobre a herança e a memória. O poeta carrega em si um "exército perdido" e uma língua desaparecida. A escrita é um ato de fidelidade a uma pátria espiritual e a uma história de "esplendor e de desastre".

O Silêncio

O poeta narra a busca por Deus em todos os lugares (montanha, mar, céu, cidade), mas encontra apenas o silêncio. No final, a única resposta é a "pedra branca" e o próprio silêncio, sugerindo que a divindade ou a verdade absoluta não se manifesta por palavras audíveis.

Depois do Branco

O poema encerra a sequência questionando o que existe na página antes e depois da escrita. O "branco" é o mistério, o muro, ou o escuro. O verso que se escreve não é uma resposta, mas "só uma pergunta" que se lança ao desconhecido.

Nota sobre a anotação manuscrita na primeira imagem:
Alguém escreveu: "Não é só o desamparo, é também um sentimento de orfandade, que Alegre assinala, com rara mestria..." > Essa nota sintetiza bem a obra: o sentimento de estarmos "órfãos" de guias espirituais ou ideológicos, restando apenas a fraternidade e a poesia.

Aqui estão os três eixos principais que ligam todos estes poemas:

Do Desamparo Social à Metafísica do "Eu"
A ligação começa no coletivo e termina no existencial.
Em "Balada dos Aflitos", o foco é o "nós" — os irmãos humanos, os trabalhadores, o povo "sem valor acrescentado".
À medida que avançamos para "Um Rasto no Caminho" e "A Mão que Escreve", o foco desloca-se para a angústia individual do poeta.

A ligação: O desespero não é apenas político ou económico (a "mais-valia"), mas uma condição espiritual profunda. O mundo "mudado" e "diferente" obriga o poeta a procurar respostas dentro de si mesmo, já que as instituições e as ideologias falharam.

A Palavra como Único Território (A "Pátria" do Poeta)
Vários poemas discutem o que resta quando tudo o resto desaparece.
Em "Estradas Ermas Junto ao Mar", levam-se as teorias e as gramáticas.
Em "Saga", fala-se de uma "língua desaparecida".

A ligação: A poesia (o "verso", a "sílaba", a "letra") aparece como o único refúgio seguro. Para Alegre, a escrita não é um luxo, é um instrumento de sobrevivência.

Se o mundo é um "desconcerto", o poema é o "rasto" que impede o caminhante de se perder totalmente.

O Diálogo com o Sagrado e o Silêncio

Há um fio condutor religioso que atravessa a obra, mas é uma religiosidade sem dogma.

"Talvez Deus esteja a ser crucificado" (Balada dos Aflitos) liga-se a "O Silêncio", onde o poeta procura Deus e não o encontra.

"Os Santos de Ribera" liga-se a "A Mão que Escreve": o sagrado não está no céu, mas na carne, no sangue e na terra.

A ligação: Deus é uma "ausência presente". Alegre liga a figura divina ao sofrimento humano. Deus está mudo ("O Silêncio"), mas a sua "voz" manifesta-se através da arte e da resistência humana.

Conclusão da Ligação

A primeira parte do livro é, em última análise, um manifesto de resistência. Alegre liga a crise do mundo contemporâneo (o mercado, a perda de valores) à necessidade de uma nova linguagem. Ele sugere que, embora "nada esteja escrito" (o título da obra), o ato de escrever é o que nos mantém humanos perante o vazio.

Nesta **segunda parte** de "Nada Está Escrito", Manuel Alegre afasta-se um pouco da angústia metafísica e do "uivo de Deus" da primeira parte para mergulhar na memória pessoal e na infância. Os poemas tornam-se mais concretos, povoados por objetos, lugares e ritos de passagem.

A Casa

Este poema é uma celebração da casa como um organismo vivo. Alegre enumera objetos quotidianos (sapatos, livros, discos, talheres) e afirma que a casa "alimenta-se de nós". A casa não é apenas um edifício; é um depósito de memórias, ritos e silêncios. Mesmo vazia, ela mantém a "alma" e a "fala" de quem nela viveu, unindo o passado (quem fomos antes) ao presente.

Primeiro Enterro

Um poema curto e solene sobre o primeiro contacto da criança com a morte. O cenário é rígido e silencioso: pessoas de preto, escadas, o toque dos sinos. A força do poema reside na incompreensão e no isolamento da criança perante a morte — ninguém sorri, ninguém fala, e o olhar dos adultos é "grave". É o fim da inocência.

A Sombra

Aqui, o poeta descreve-se como um elemento fluido da paisagem. A "tarde roxa" e a "brisa" fundem-se com a sua própria identidade. Ao dizer que é "uma sombra de passagem", Alegre toca na transitoriedade da vida. É um poema de atmosfera, onde o eu lírico se sente parte da natureza, mas de forma fugaz e silenciosa.

Dezembro nas Margens do Rio
Este poema evoca a infância e o passar do tempo através da geografia (provavelmente o Rio Mondego ou o Nabão). O poeta recorda os banhos no rio e o barulho da nora e dos salgueiros. O contraste é entre a vivacidade da memória ("quantas vezes nos banhámos") e a solidão do presente, onde "agora ninguém chama". Os amigos de infância tornam-se figuras diluídas na neblina do tempo.

Momento
Um poema de espera e antecipação. O poeta pergunta-se quando virá "esse momento" ou "essa luz". É uma reflexão sobre a incerteza do futuro, comparando a chegada desse momento à chegada do vento: algo que não se pode prever nem controlar, mas que se sente quando chega.

Interpretação da Segunda Parte: O Inventário da Memória
Se a primeira parte era sobre o desamparo, esta segunda parte é sobre o pertencimento. A ligação entre estas obras revela uma tentativa de reconstruir a identidade através dos fragmentos do passado.

A Matéria da Infância: Os poemas funcionam como um "inventário". Alegre usa elementos muito táteis (madeira, pão, vinho, água do rio) para ancorar a sua poesia na realidade. A memória aqui não é apenas saudade; é uma forma de resistência contra o vazio metafísico.

A Morte como Iniciação: Em "Primeiro Enterro", vemos o início da consciência da finitude. Esta consciência explica por que razão, nos poemas seguintes, o poeta se sente como uma "sombra". A vida é vista como um percurso entre a solidez da "Casa" e a fluidez do "Rio".

O Espaço e o Tempo: Há uma ligação profunda entre o espaço (a casa, o rio, a escada) e o tempo. Para Alegre, os lugares guardam as pessoas. A casa tem "alma" porque as pessoas deixaram nela os seus "ritmos".Nota sobre a anotação manuscrita em "Momento":

"O momento que espero, poderá ser o fim da ditadura".
Esta é uma interpretação política comum na obra de Alegre. Embora o poema seja lírico e abstrato, para um leitor português daquela época, a "luz" e o "momento" que vem como o vento eram frequentemente metáforas para a Liberdade e a queda do regime.

A ligação entre os poemas da segunda parte de Nada Está Escrito revela uma transição do vazio metafísico (da primeira parte) para a solidez da memória e do afeto. Se antes o poeta gritava para um Deus mudo, agora ele sussurra para as paredes de uma casa e para as águas de um rio.

O Objeto como Recipiente da Existência
Há uma ligação direta entre "A Casa" e "Dezembro nas Margens do Rio". Manuel Alegre utiliza o inventário (a lista de coisas: sapatos, discos, salgueiros, a nora) para provar que a vida existiu.

A casa e o rio não são cenários estáticos; eles "alimentam-se de nós". A ligação aqui é a ideia de que o ser humano deixa um rasto físico no mundo. Os objetos sobrevivem ao tempo e guardam a "fala" e a "alma" de quem já partiu ou mudou.

A Perda da Inocência e a Sombra
Os poemas "Primeiro Enterro" e "A Sombra" ligam-se pelo tema da transitoriedade. No "Primeiro Enterro", a criança descobre a morte como algo "solene e grave", uma barreira intransponível.

Em "A Sombra", o poeta aceita essa finitude, vendo-se não como um corpo sólido, mas como uma "sombra de passagem".

A ligação: A consciência da morte (nascida na infância) evolui para uma aceitação poética da brevidade da vida na idade adulta.

A Esperança sob Disfarce (O Político e o Poético)
O poema "Momento" serve de ponte para o futuro.

Ele liga-se à angústia dos "Aflitos" da primeira parte, mas com uma nota de luz. Como sugere a anotação manual na imagem ("o fim da ditadura"), este "momento" que vem como o vento é a promessa de que o silêncio da casa e a neblina do rio serão eventualmente atravessados por uma mudança.

É a ligação entre o tempo da memória (passado) e o tempo da expectativa (futuro).
Síntese da Estrutura Narrativa
Podemos visualizar a ligação destas obras como um caminho de regresso às origens para ganhar forças:

O Refúgio: A Casa (Onde a vida se guarda).
O Choque: Primeiro Enterro (Onde a finitude é revelada).
A Fluidez: Dezembro nas Margens do Rio / A Sombra (Onde o tempo corre e nos apaga).
A Espera: Momento (Onde se aguarda a libertação).

Conclusão: A Unidade do "Eu"
A grande ligação destas obras é a tentativa de Manuel Alegre de reunir os pedaços de si mesmo. Ele liga o "eu" que foi criança no rio ao "eu" que escreve agora numa

secretária cheia de papéis. Para Alegre, nada está escrito, mas tudo está guardado: nos objetos, nos ritos e na resistência silenciosa do quotidiano.

3 parte do livro onde Manuel Alegre explora a poética do erotismo, do amor e da fusão com o outro. Se as partes anteriores focavam no desamparo social e na memória da infância, esta parte foca na Noite como um espaço de encontro sagrado e carnal.

Nós
Este poema descreve a fusão total entre dois amantes. A palavra "nós" ganha um duplo sentido: o pronome pessoal (as duas pessoas) e o substantivo (laços que apertam). Eles "foram noite", indicando que a identidade individual se dissolveu na escuridão e no corpo do outro. O poema termina com uma imagem cósmica: o que sobra dessa união são "luas" que circulam entre as mãos de ambos.

Esplendor de Agosto
Um poema sobre a luta contra o esquecimento. O eu lírico confessa que "aconteceu o pior: o esquecimento", tendo perdido o nome e o rosto da pessoa amada. No entanto, a memória do corpo resiste ("esplendor dos corpos no azul de Agosto"). Há uma contradição dolorosa: quanto mais ele tenta inventar a pessoa para a recordar, mais a esquece, restando apenas o "fogo posto" do desejo.

A Noite Mais que Noite
Com uma epígrafe de São João da Cruz, este poema eleva o encontro amoroso a um nível místico. A noite não é apenas escuridão, é "outra luz" onde se navega. A nudez dos corpos é tão intensa que "cega". O poema sugere que, no silêncio da noite, quando as perguntas não têm resposta, o poema e o corpo falam uma linguagem comum.

Harmonia
Um poema de memória situada (o regresso dos Arcos à Anadia). Descreve um momento de perfeição e paz: a "doçura no ar" e a harmonia entre o universo e os amantes. O pirilampo surge como um símbolo do eterno que, embora breve, marca aquele instante como único. O poema termina com a melancolia da certeza: "Não haveria outra noite assim. Não haveria."

Interpretação desta Parte: A Noite e o Erotismo Místico
Nesta seção, Manuel Alegre liga o Amor à Cosmologia. O amor não é apenas um sentimento, é uma força que move astros, luas e pirilampos.

Os Eixos Centrais:
A Noite como Santuário: A noite deixa de ser o lugar do medo ou do "uivo de Deus" (da 1ª parte) para ser o lugar da revelação. É na escuridão que o "nós" se torna

possível. Como sugere a referência a San Juan de la Cruz, o encontro erótico é tratado como uma experiência mística de transcendência.

O Corpo como Memória: Enquanto a mente esquece nomes e datas ("Esplendor de Agosto"), o corpo guarda o "ardor". A ligação aqui é que a pele tem uma memória mais profunda que o intelecto.

A Dialética do Nó: O título do poema "Nós" é a chave desta parte. O amor é aquilo que "atava e desfazia". É uma ligação que liberta e aprisiona ao mesmo tempo.

A Efemeridade do Instante: Em "Harmonia", a beleza do momento é definida pela sua brevidade. A consciência de que "não haveria outra noite assim" é o que torna o momento eterno na poesia.

Ligação com o resto do Livro
Esta parte funciona como a cura pelo afeto. Depois de reconhecer o deserto do mundo e o silêncio de Deus, o poeta encontra no corpo do outro e na "noite mais que noite" uma resposta para a sua angústia. O "nada está escrito" do título ganha aqui um novo sentido: o futuro é incerto, mas o "ardor" do presente é real e absoluto.

A ligação entre os poemas desta terceira parte de "Nada Está Escrito" revela uma transição do vazio existencial para a plenitude do encontro. Se nas partes anteriores Manuel Alegre lidava com a orfandade e a memória de um passado perdido, aqui ele celebra o presente absoluto através do amor e do erotismo.
Abaixo, apresento os eixos que conectam estas obras:

A Noite como Espaço de Revelação e Misticismo
Existe uma ligação profunda entre os poemas "Nós" e "A Noite mais que Noite".

A noite deixa de ser um símbolo de medo ou de morte para se tornar um "lugar" (ou uma "outra luz") onde a fusão com o outro é possível.

Inspirado pela mística de San Juan de la Cruz, Alegre liga o ato físico do amor a uma experiência espiritual. A nudez e os corpos não são apenas carne, são caminhos para navegar no "astral".

O Elo: A noite é o cenário onde o indivíduo se dissolve para se tornar parte de algo maior (o "Nós").

A Luta entre a Memória do Corpo e o Esquecimento Mental
Esta é a ligação central em "Esplendor de Agosto".

O poeta estabelece um contraste entre o que a mente esquece (nomes, rostos, datas) e o que o corpo retém (o ardor, o esplendor, o "fogo posto").

O Elo: Alegre sugere que o amor é a única forma de memória que resiste ao tempo. Mesmo quando a "identidade" do outro se apaga na memória intelectual, a marca do desejo permanece como uma cicatriz de luz.

A Harmonia entre o Microcosmo (Amantes) e o Macrocosmo (Universo)
Os poemas "Nós" e "Harmonia" utilizam imagens cósmicas para descrever o afeto.

Em "Nós", o que sobra do encontro são "luas que circulam".

Em "Harmonia", o brilho de um simples pirilampo é elevado ao estatuto de "eterno" e faz parte da harmonia do universo.

O Elo: O amor liga o humano ao divino. Um momento íntimo (o regresso a casa na Anadia) é ligado ao movimento das estrelas, provando que a "Harmonia" não é algo distante, mas algo que se vive "entre nós".

Ligação desta seção é a reconciliação. Após o desamparo da primeira parte do livro, o poeta encontra na figura do "Nós" a resposta para o silêncio de Deus. O título do livro, Nada Está Escrito, ganha aqui um tom positivo: se nada está escrito, o poeta e a amada são livres para "escrever" a sua própria noite, os seus próprios ritos e a sua própria harmonia, independentemente do "desconcerto do mundo".

Comparação Temática: O Foco do Olhar
1ª Parte (O Deserto): O olhar do poeta está voltado para o Mundo. É uma fase de denúncia e angústia. O tema central é o desamparo de uma humanidade que se tornou "mercado" e a solidão perante um Deus que não responde.

2ª Parte (As Raízes): O olhar volta-se para o Passado. O tema é a memória pessoal. Alegre procura nos objetos da "Casa", na "Água do Rio" e na infância uma base sólida onde se possa apoiar após o deserto da primeira parte.

3ª Parte (O Encontro): O olhar foca-se no Outro. O tema é o amor e a noite. Aqui, o poeta encontra a "Harmonia" que faltava. O desamparo é substituído pelo "Nós".

A Evolução do Conceito de "Silêncio"
O silêncio é o fio condutor que liga todo o livro, mas o seu significado muda drasticamente:
1ª Parte: É um silêncio opressor. É a ausência de Deus e a falta de sentido. É o silêncio do "vazio".

2ª Parte: É um silêncio nostálgico. É o silêncio da casa vazia, das memórias e das pessoas que já partiram. É um silêncio povoado por ecos.

3ª Parte: É um silêncio cúmplice. No poema "A Noite mais que Noite", o silêncio é o espaço onde o amor fala. É um silêncio de plenitude, onde as palavras já não são necessárias porque os corpos se entendem.

A Ligação Final: O Título "Nada Está Escrito"
Esta comparação permite-nos entender o título do livro sob três prismas diferentes:
1. Pelo Desamparo (1ª Parte): Nada está escrito porque o futuro é incerto e o mundo está em desconcerto; estamos entregues à nossa própria sorte.
2. Pela Memória (2ª Parte): Nada está escrito porque o tempo apaga tudo (o esquecimento), e precisamos de "escrever" o nosso rasto nos objetos para não desaparecermos.
3. Pela Liberdade do Amor (3ª Parte): Nada está escrito porque, no encontro amoroso, os amantes são livres para criar o seu próprio destino, reinventando o mundo a cada noite.

Conclusão
A jornada de Manuel Alegre neste livro é um movimento de interiorização. Ele começa no ruído das "mais-valias" e dos mercados, passa pelo filtro da memória e termina no silêncio sagrado do amor. A grande "ligação" é que o poeta descobre que, embora "nada esteja escrito" por uma entidade superior ou pelo destino, a Palavra (Poesia) e o Afeto (Amor) são as únicas canetas com que podemos escrever a nossa própria humanidade.

4 parte de "Nada Está Escrito", Manuel Alegre transporta-nos para um cenário de ruínas, mitos gregos e história épica, mas sempre com um pé na modernidade. O poeta utiliza as grandes tragédias da Antiguidade (como a queda de Tróia) para refletir sobre o que resta quando uma civilização, um sonho ou um império colapsa.

Tróia
O poema descreve a destruição da mítica cidade. Tróia perdeu-se nos seus próprios labirintos e silêncios. Alegre foca-se na "geometria trágica" das muralhas e no fim da cultura: as harpas calaram-se, os metais retorceram-se e as palavras deixaram de ter "asas". A imagem final é a de Andrómaca despedindo-se de si mesma, simbolizando a perda total da identidade perante a destruição.
Os Guerreiros
Aqui, o poeta retrata guerreiros que surgem da sombra para morrer diante de uma cidade que "ninguém sabe ao certo onde ficava". É um poema sobre a futilidade da guerra e a fragilidade da glória. No final, não restam ruínas nem rastos, "apenas um nome" e talvez "uma palavra". A história reduz-se ao verbo.

A Ferida de Heitor

Este poema faz uma ponte direta entre a Antiguidade e a modernidade (citando a ponte de Tavira e o poeta Afonso Duarte). Alegre reflete sobre a insuficiência da palavra para descrever o horror ou o "dizível". A "ferida de Heitor" é uma metáfora para uma dor que continua a pulsar no peito da humanidade. O silêncio do campo de batalha antigo é comparado ao ruído dos carros modernos, sugerindo que a tragédia humana é cíclica e "indecifrável".

Pella

Pella foi a capital do antigo reino da Macedónia e berço de Alexandre, o Grande. O poema descreve o que resta desse império desmedido: pedras sem sentido, sombras, silêncio e esquecimento. As lagartixas brincam agora nos escombros onde outrora se sonhou dominar o mundo. A "eternidade" é reduzida a um só momento de ruína.

A Corrida

O poema faz uma analogia entre os mitos gregos (o loiro Menelau, os cavalos de Átrida) e um evento contemporâneo: a vitória de Carlos Lopes na maratona dos Jogos Olímpicos de 1984 (como indicado na nota manuscrita). A corrida é vista como um rito que atravessa os séculos; o atleta moderno carrega a mesma chama e o mesmo esforço dos heróis antigos, ganhando "aquela madrugada a toda a vida".

Interpretação desta Parte: A Épica das Cinzas

Esta seção pode ser lida como uma meditação sobre o Tempo e a Memória Histórica. Manuel Alegre utiliza a Grécia Antiga não como um exercício académico, mas como um espelho para o presente.

Os Eixos de Ligação:
A Ruína como Destino: Existe um fio condutor que liga Tróia, os Guerreiros e Pella. Tudo o que é "desmedido" (impérios, cidades, ambições) acaba em silêncio e pedras. O poeta sublinha que a glória é passageira e que o "esquecimento" é a única força invencível.

O Heroísmo no Quotidiano: A ligação entre "A Ferida de Heitor" e "A Corrida" mostra que o heroísmo não morreu com os gregos. Ele manifesta-se na resistência à dor e no esforço físico (como o de Carlos Lopes). O herói moderno não luta contra deuses, mas contra o tempo e o silêncio.

A Insuficiência da Palavra: Em "A Ferida de Heitor", Alegre admite que "não há palavras" para certas realidades. Esta é uma ideia central no livro: a poesia tenta preencher o branco, mas a verdade profunda (a ferida, o sangue) está muitas vezes além do que pode ser dito.

A Modernidade Desatenta: Ao colocar carros a passar na ponte de Tavira enquanto evoca o mito de Aquiles e Heitor, Alegre critica a rapidez e a indiferença do mundo moderno, que passa por cima da história sem a ouvir.

Ligação com as outras partes
Se a primeira parte era o Deserto, a segunda a Casa e a terceira o Amor, esta quarta parte é a História. Alegre parece dizer que o homem só se compreende se olhar para as ruínas do que veio antes dele. Nada está escrito, mas tudo já foi, de certa forma, vivido em Tróia ou em Pella. O "rasto" que ele procurava no início do livro é agora encontrado na poeira dos séculos e no suor de um maratonista.

A ligação entre os poemas desta quarta parte de "Nada Está Escrito" é feita através de uma ponte entre o mito e a realidade. Manuel Alegre utiliza a História e a Antiguidade Clássica não como um passado morto, mas como uma lente para observar o presente e a condição humana universal.

Aqui estão os eixos que unem estas obras:
A Ciclicidade da Tragédia e da Ruína
Há uma ligação direta entre "Tróia", "Os Guerreiros" e "Pella".

Estes poemas formam um ciclo sobre o colapso das grandes construções humanas (cidades, exércitos e impérios).

A ligação: O poeta sugere que o destino final de qualquer "grandeza" é o silêncio, o esquecimento e as "pedras sem sentido". O que aconteceu em Tróia repete-se em Pella e continuará a repetir-se. A história é um labirinto onde o homem se perde ciclicamente.

O Sangue Antigo no Cenário Moderno
O poema "A Ferida de Heitor" faz a ligação mais importante desta parte.

Ele une o mito (Aquiles e Heitor) ao quotidiano português (a Ponte de Tavira e carros a passar).

A ligação: Alegre argumenta que a dor ("a ferida") é intemporal. Enquanto os carros passam indiferentes, o "silêncio do campo de batalha" ainda ecoa. O sofrimento de um herói antigo é o mesmo sofrimento de um homem moderno; o que muda é apenas o cenário.

O Heroísmo Transversal: De Menelau a Carlos Lopes

O poema "A Corrida" liga o passado épico à glória contemporânea.

A ligação: O esforço físico e a busca pela vitória (seja numa guerra antiga ou numa maratona olímpica em 1984) são manifestações do mesmo espírito humano. O atleta moderno é o herdeiro direto dos heróis homéricos. A "madrugada" vencida por Carlos Lopes é a mesma luz que os gregos procuravam.

Conclusão:
A grande ligação que Manuel Alegre estabelece nesta parte é a de que "Nada está escrito" no sentido de que a história não é estática; ela é escrita e reescrita pelo sofrimento e pelo esforço de cada indivíduo.
Ele liga as cinzas de Tróia ao suor de um maratonista para nos dizer que somos todos parte de uma "Saga" (termo usado na 1ª parte) contínua.

5 parte

é uma jornada lírica através da memória histórica e do destino de figuras que marcaram o tempo, seja pelo sofrimento, pela luta ou pelo "fracasso" glorioso.

Nesta parte, Alegre utiliza a poesia como um testemunho histórico. Ele foca-se em momentos de transição, morte e resistência. Há uma melancolia profunda sobre o fim das coisas — a última estação de um génio, o assassinato de um revolucionário, o horror do Holocausto e a solidão do soldado desconhecido. O tema central é a condição humana perante a História: a ideia de que, embora os factos estejam nos livros, a verdade emocional e o "sentido" das vidas só podem ser resgatados pela palavra poética.

A Última Estação

Este poema foca-se nos últimos dias de Lev Tolstói. O autor descreve a fuga do escritor russo de sua casa (Yasnaya Polyana) para morrer numa estação de comboio (Astapovo).

O que diz: Explora a busca incessante de Tolstói por algo que nem a literatura conseguiu dar. O poema sugere que, no fim, nem as palavras são suficientes para conter o que se sabe ou o que se busca; resta apenas a partida silenciosa em direção ao fim.

A Morte de Trotsky

Evoca o assassinato de Leon Trotsky no México, em 1940.

O que diz: Retrata um homem encurralado pela sua própria biografia e pela traição da revolução que ajudou a criar. O poema contrasta o "velho" que lê atentamente com a figura do assassino (Mercader) que se aproxima com um picador de gelo. É um poema sobre o destino inevitável e a ironia trágica da história política.

Balada para Jesse Owens

Celebra o atleta norte-americano que venceu quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), sob o olhar de Hitler.
O que diz: O poema destaca o contraste entre a máquina de guerra nazi (tanques, SS, ideologia ariana) e a pureza do esforço humano de um "negro chamado Jesse Owens". Alegre exalta a vitória do indivíduo e do talento sobre a opressão e o racismo institucionalizado.

Auschwitz
Um poema curto e devastador sobre o horror do campo de concentração.
O que diz: Descreve a desumanização total ("olhar vazio", "esqueletos em pé"). A imagem central é a das chaminés dos crematórios, que se tornam o único "Deus" ou destino para aqueles que ali morreram. É um retrato da morte industrializada e da perda da esperança.

Soldado Desconhecido
Reflete sobre a figura anónima que representa todos os mortos em combate.

O que diz: O poema afirma que este soldado está presente em todas as frentes de batalha e em todos os continentes. Ele não tem nome nem pátria fixa porque se tornou o símbolo de todas as guerras inúteis. Alegre questiona o sentido do sacrifício quando já nem se sabe por quem ou pelo que se bate.

António Prior do Crato ou A Glória de Perder
Dedicado a D. António, Prior do Crato, que tentou manter a independência de Portugal contra o domínio filipino.
O que diz: O poema define D. António como o "rei que não foi rei". Em vez de focar na derrota militar, Alegre foca na glória do excesso e da resistência. É um louvor àqueles que perdem mas mantêm a dignidade e a causa viva, mesmo que apenas na "mítica batalha que não houve".

Nota sobre as anotações manuscritas: As notas nas margens do seu livro são excelentes auxiliares contextuais. Elas identificam corretamente os factos históricos (como a data do assassinato de Trotsky ou o feito de Jesse Owens em 1936), o que mostra que a leitura está a ser feita com uma forte consciência do contexto real que Manuel Alegre transpõe para os seus versos.

A ligação entre os poemas desta quinta parte de Nada Está Escrito reside na exploração da derrota sob uma perspetiva heroica ou ética. Manuel Alegre não canta os vencedores da história oficial, mas sim as figuras que, mesmo perdendo ou morrendo, preservaram uma dimensão de dignidade, verdade ou resistência.

Podemos estabelecer essa ligação através de três eixos principais:

A Resistência do Indivíduo contra o Sistema

Existe um fio condutor que liga a escala individual à escala das grandes máquinas de opressão:
Jesse Owens vence a ideologia nazi através do corpo e do desporto.

D. António, Prior do Crato resiste à perda da independência nacional através da sua persistência, mesmo no exílio.

O Soldado Desconhecido é a face anónima que sofre as consequências de sistemas que ele próprio já não compreende.

O Crepúsculo e a "Última Estação"
Vários poemas lidam com o momento final — a morte física que se torna uma imortalidade ética:

Tolstói e Trotsky estão ambos em fuga ou no exílio; são gigantes intelectuais que terminam os seus dias longe do centro do poder que outrora ocuparam ou desafiaram.

Em Auschwitz, o fim é absoluto e desumano, mas o poema serve para que essa "estação" não seja esquecida, transformando o horror em memória necessária.

A "Glória de Perder"
Esta é talvez a ligação mais forte e o tema central da obra de Alegre. Para o poeta, há mais dignidade na derrota por uma causa justa do que na vitória por opressão.

António Prior do Crato é o exemplo máximo: ele é o "rei que não foi rei", mas a sua "glória" reside no facto de não se ter rendido.
Trotsky perde a batalha política e a vida, mas a sua história continua a ser lida "atentamente".

Mesmo em Tolstói, a perda da vida na estação de comboio é vista como uma libertação final da alma que a literatura já não conseguia prender.

Em suma, Alegre liga estes poemas através de uma ética da derrota: ele sugere que "nada está escrito" de forma definitiva pela mão dos vencedores, porque a poesia tem o poder de reescrever a história dando voz aos vencidos, aos exilados e aos mortos.

Sexta parte do livro Nada Está Escrito, intitulada "Seis", marca uma transição do espaço histórico global para o espaço geográfico e emocional de Lisboa. Se a parte anterior era sobre figuras da História, esta é sobre a Cidade enquanto organismo vivo, feita de ruas, sons (o Fado) e fantasmas literários.

Nesta secção, Lisboa não é apenas um cenário, mas um labirinto de significados. Manuel Alegre percorre a capital portuguesa cruzando o presente quotidiano (a hora de ponta, o bulício dos carros) com a memória profunda (os Descobrimentos, Pessoa, Camões, Amália). A cidade aparece como um lugar de solidão ("pessoas desertas"), mas também como o ponto onde a Índia e o mar ainda ecoam no cheiro das especiarias e no som das guitarras.

. Cidade (Epígrafe)

* O que diz: "Nas ruas cheias de gente / vi as pessoas desertas."
* Resumo: Serve de mote para a secção. Estabelece o paradoxo da urbanidade moderna: a multidão física não impede o isolamento existencial de cada indivíduo.

. Aquém

* Resumo: Um poema sobre a paralisia e o limite. Fala de uma porta que se abre para ninguém, onde não há resistência nem transcendência. O futuro é visto como um "muro", e o presente é um estado de "aquém" — algo que não chega a ser, um vazio entre o passado que é ausência e o futuro bloqueado.

Hora de Ponta

* Resumo: Retrata a alienação urbana. As pessoas movem-se com "olhos rasos de mágoa", andando sem avançar verdadeiramente ("andar que não recua sem nunca ir mais além"). É a descrição do movimento mecânico da cidade onde as pessoas se cruzam sem se verem.

Praça de Londres

* Resumo: Uma imagem de inverno na cidade. O frio e o barulho dos carros contrastam com a fragilidade das palavras. No entanto, há um detalhe sensorial que traz conforto: o "cheiro de castanhas no caderno", um símbolo clássico da Lisboa invernal que resiste à dureza do asfalto.

Rua Presidente Wilson

* Resumo: Foca-se no olhar de uma criança ou de alguém desamparado. Fala de uma perda que vai além da dor física, um "espaço em branco" e uma amargura que, de repente, é atravessada por um gesto de ternura.

Praça do Império

* Resumo: Uma reflexão sobre a identidade portuguesa. Alegre liga-se a Fernando Pessoa e à ideia de que ser português é estar sempre a "descobrir". A escrita é comparada à navegação. O poeta olha para o Tejo e sente que a Índia não é um lugar distante, mas um estado de espírito que se procura nas palavras.

Rua de São Paulo

* Resumo: Explora a memória olfativa de Lisboa. O poeta sente o cheiro da pimenta e da canela, afirmando que "em certas ruas de Lisboa cheira a Índia". É a ideia de

que a história dos Descobrimentos ainda está entranhada no ar da cidade, e que Lisboa nunca se separou totalmente do mar.

Avenida Guerra Junqueiro

* Resumo: Um poema atmosférico sobre o vento. O vento é uma força que "ninguém sabe onde começa e acaba", funcionando como uma metáfora para a inquietude e para a voz de outros poetas (como o próprio Guerra Junqueiro) que ainda sopra na cidade.

Cais das Colunas

* Resumo: O Cais das Colunas é o portal para a utopia. O poeta fala de um lugar que não está no mapa, um sonho de "Deus" ou um "soluço de Deus" que paira sobre o rio. É o ponto onde a terra termina e o desejo de algo mais alto começa.

A Origem do Fado

* Resumo: Alegre retira o fado da sua explicação puramente histórica. Para ele, o fado não vem de D. Pedro ou Inês de Castro, mas sim de um lugar interior ("o avesso da fuligem"). O fado é o "momento que passa e se demora", uma experiência sensorial e metafísica que define o ser português.

Mulher de Preto / Amália

* Resumo: Um tributo a Amália Rodrigues. A "mulher de preto" não traz luto, mas sim a "própria noite que a vestia". O poema descrev…

A ligação entre os poemas da sexta parte ("Seis") de Nada Está Escrito constrói uma psicogeografia de Lisboa. Se na parte anterior o autor viajava pelo mundo e pela História, aqui ele "ancora" no Cais das Colunas e percorre as ruas da capital para encontrar a alma portuguesa.
A ligação faz-se através de três eixos fundamentais:

O Contraste entre a Multidão e a Solidão
Alegre começa a secção com a epígrafe de "Cidade" e o poema "Hora de Ponta". A ligação aqui é a alienação moderna.

A cidade está "cheia de gente", mas as pessoas estão "desertas".

O movimento é mecânico (os carros na Praça de Londres, o andar que não recua na Hora de Ponta).

A ligação: A cidade física é barulhenta e populosa, mas a cidade emocional é um lugar de "olhos rasos de mágoa" e solidão profunda.

Lisboa como Cais da Memória (A Índia Interior)

Vários poemas ligam a topografia de Lisboa (ruas e praças) à herança dos Descobrimentos.

Na Rua de São Paulo, o cheiro a pimenta e canela traz a Índia para o presente.

Na Praça do Império, o ato de escrever é comparado ao ato de navegar de Pessoa.

No Largo de Camões, o próprio poeta épico é visto como alguém que "volta de Ceuta" e caminha de muletas pelas ruas atuais.

A ligação: Lisboa não é apenas uma capital europeia; é um "mar oculto" onde o passado expansionista ainda respira nos nomes das ruas e nos sentidos (olfato e visão).

A Voz e a Melancolia (O Fado e a Noite)
A parte final da secção liga a identidade da cidade a figuras e sons icónicos.

A Origem do Fado, Mulher de Preto (Amália) e Cais das Colunas formam um triângulo lírico.

O Fado é o "momento que passa e se demora", personificado na voz telúrica de Amália, que "veste a noite".

A ligação: A música e a voz de Amália são o que dá sentido ao vazio da cidade. Elas transformam a "amargura" da Rua Presidente Wilson ou a "mágoa" da Hora de Ponta em algo sagrado e transcendente.

Conclusão-Manuel Alegre liga estes poemas para dizer que Lisboa é um palimpsesto: por baixo do asfalto e dos carros, corre o rio de Camões e Pessoa; por trás do silêncio das pessoas "desertas", ouve-se a voz de Amália. A cidade é o lugar onde o "nada está escrito" se torna real, pois cada rua permite reescrever a nossa própria história e a história de Portugal.

Nas suas notas, você escreveu "Reis e descobrimientos?" no poema da Praça do Império. Esta é a chave da ligação: Alegre recupera esses "reis e descobridores" não como heróis de estátua, mas como fantasmas que ainda caminham connosco na rotina diária.

A ligação entre os poemas da sétima e última parte ("Sete") é a mais íntima e metafísica de todo o livro. Se as partes anteriores olhavam para fora (História, Política, Cidade), esta olha para dentro e para o eterno. O fio condutor é a busca por uma essência que sobreviva ao tempo.
Podemos estruturar esta ligação em três pilares:

O Amor como Única Âncora
O "Poema de Amor" e "O Meu Nome" ligam-se pela necessidade de encontrar um centro num mundo em constante mudança.

Enquanto nas partes anteriores a identidade era definida por atos históricos, aqui a identidade ("O Meu Nome") dissolve-se nos elementos naturais e no afeto.

A ligação: O amor é o que permite ao poeta aceitar a sua própria desaparição física. É a única "escrita" que realmente importa antes que o mar apague tudo.

A Natureza da Escrita e o Poder do Poema
Os poemas "A Escrita" e "O Poema" formam o núcleo teórico do livro.

Alegre liga a escrita à navegação (um tema constante na sua obra). Escrever não é um ato passivo; é uma tentativa de criar uma "fenda" na escuridão.

A ligação: O autor sugere que, embora "nada esteja escrito" de antemão, o ato de escrever é o que nos torna humanos e nos permite enfrentar o "silêncio de Deus". O poema torna-se uma entidade que ganha vida própria, sobrevivendo ao próprio autor.

A Metafísica do Mar e a Liberdade Final
O mar da "Praia da Galé" e o poema final "Nada Está Escrito" fecham o ciclo.

O mar é o símbolo máximo do "nada escrito", pois a sua superfície está sempre em mudança e as suas águas lavam o passado.

A ligação: Esta fluidez do mar é transposta para a vida humana. A conclusão do livro é que a falta de um destino pré-escrito não é uma tragédia, mas sim a máxima expressão da liberdade.

Conclusão do Livro
Ao ligar todos estes poemas, Manuel Alegre faz uma viagem que vai do Geral (o mundo) ao Particular (o eu) para chegar ao Universal (a liberdade).

O título do livro revela-se finalmente como uma mensagem de esperança: se nada está escrito, o leitor e o poeta têm o poder absoluto de inventar o amanhã. É um convite à ação e à resistência poética frente a um mundo que muitas vezes parece fechado ou determinado.

Sétima e última parte do livro Nada Está Escrito, intitulada "Sete", funciona como o desfecho filosófico e espiritual de toda a obra. Depois de percorrer a História e a Cidade de Lisboa, Manuel Alegre foca-se agora no mar, no amor e na própria natureza do poema como resistência final contra a morte.

Esta secção é marcada pelo conceito de "Regresso". Não é apenas um regresso físico a um lugar, mas um regresso à essência. O mar aparece como o elemento purificador e infinito onde "nada está escrito" — porque as ondas apagam as pegadas e permitem o eterno recomeço. Há uma aceitação serena da finitude humana, mas uma afirmação poderosa de que o amor e a poesia são as únicas formas de transcender o tempo.
Resumo dos Poemas

Poema de Amor

* Resumo: É uma ode à pessoa amada como o porto de abrigo e a razão de ser da escrita. O poeta afirma que o seu amor é o que dá sentido ao mundo caótico descrito nas partes anteriores. O amor é aqui uma força que organiza o tempo e a memória.

O Meu Nome (Poema no Algarve)

* Resumo: Escrito no sul de Portugal, este poema explora a identidade ligada aos elementos naturais. Alegre descreve o seu nome como algo que se dissolve na areia e no sal, sugerindo que, perante a imensidão do mar e do sol algarvio, as vaidades e os títulos perdem o valor; resta apenas o ser humano nu e a sua ligação com a terra.

Praia da Galé

Um poema contemplativo sobre a luz e a transparência. A Praia da Galé serve de cenário para uma reflexão sobre a clareza e a brevidade da vida. É um momento de pausa onde o barulho da História e da Cidade (das partes V e VI) é substituído pelo ritmo eterno das marés.

A Escrita

Este é um poema metapoético (poesia sobre a própria poesia). Alegre descreve o ato de escrever como uma forma de navegação perigosa mas necessária. Escrever é tentar fixar o que é fluido, é lutar contra o esquecimento e contra o "silêncio de Deus".

O Poema

Resumo: Define o poema como um organismo vivo e independente do poeta. Alegre sugere que o poema sobrevive a quem o escreveu e que a sua missão é ser "uma fenda na escuridão". O poema não explica o mundo, ele é uma forma de estar no mundo.

Do Outro Lado

Resumo: Uma reflexão sobre a morte e o "além". No entanto, Alegre não o faz com medo, mas com curiosidade poética. Ele questiona o que resta quando tudo o que é

material desaparece, sugerindo que talvez "do outro lado" apenas reste a música ou a luz.

Nada Está Escrito

Resumo: O poema que dá título ao livro e encerra a obra.

Mensagem Central: É o grito de liberdade final. Alegre reafirma que, apesar do destino, das tragédias históricas e da passagem do tempo, o futuro está aberto. Nada está determinado por Deus ou pelo fado; o homem é o dono da sua própria caneta e do seu próprio caminho. É uma celebração da esperança e da vontade humana.

Ligação Final: O Fecho do Ciclo

A ligação entre estes poemas finais revela a estrutura circular do livro:

Da Memória à Liberdade: Se o livro começou com o peso da História, termina com a leveza do mar.

O Mar como Resposta: O mar liga o Algarve, a Praia da Galé e a ideia de navegação. Ele é a metáfora perfeita para o título: na água, nada permanece escrito, o que permite que cada pessoa escreva a sua própria história todos os dias.

A Poesia como Testemunho: Os poemas "A Escrita" e "O Poema" justificam a existência do livro. Eles dizem-nos que, num mundo onde tudo passa, a palavra poética é a única coisa que consegue "ficar" e dar voz aos que já não a têm.

Ao terminar com o poema "Nada Está Escrito", Manuel Alegre deixa uma mensagem política e existencial: o destino não é uma prisão, mas uma folha em branco que cada geração tem o dever de preencher com a sua própria luta e o seu próprio amor.

A ligação entre os poemas da sétima e última parte ("Sete") é a mais íntima e metafísica de todo o livro. Se as partes anteriores olhavam para fora (História, Política, Cidade), esta olha para dentro e para o eterno. O fio condutor é a busca por uma essência que sobreviva ao tempo.

Podemos estruturar esta ligação em três pilares:

O Amor como Única Âncora

O "Poema de Amor" e "O Meu Nome" ligam-se pela necessidade de encontrar um centro num mundo em constante mudança.

Enquanto nas partes anteriores a identidade era definida por atos históricos, aqui a identidade ("O Meu Nome") dissolve-se nos elementos naturais e no afeto.

A ligação: O amor é o que permite ao poeta aceitar a sua própria desaparição física. É a única "escrita" que realmente importa antes que o mar apague tudo.

A Natureza da Escrita e o Poder do Poema
Os poemas "A Escrita" e "O Poema" formam o núcleo teórico do livro.

Alegre liga a escrita à navegação (um tema constante na sua obra). Escrever não é um ato passivo; é uma tentativa de criar uma "fenda" na escuridão.

A ligação: O autor sugere que, embora "nada esteja escrito" de antemão, o ato de escrever é o que nos torna humanos e nos permite enfrentar o "silêncio de Deus". O poema torna-se uma entidade que ganha vida própria, sobrevivendo ao próprio autor.

A Metafísica do Mar e a Liberdade Final
O mar da "Praia da Galé" e o poema final "Nada Está Escrito" fecham o ciclo.

O mar é o símbolo máximo do "nada escrito", pois a sua superfície está sempre em mudança e as suas águas lavam o passado.

A ligação: Esta fluidez do mar é transposta para a vida humana. A conclusão do livro é que a falta de um destino pré-escrito não é uma tragédia, mas sim a máxima expressão da liberdade.

Conclusão do Livro-Ao ligar todos estes poemas, Manuel Alegre faz uma viagem que vai do Geral (o mundo) ao Particular (o eu) para chegar ao Universal (a liberdade).
O título do livro revela-se finalmente como uma mensagem de esperança: se nada está escrito, o leitor e o poeta têm o poder absoluto de inventar o amanhã. É um convite à ação e à resistência poética frente a um mundo que muitas vezes parece fechado ou determinado.